

DOCE LIBER TAR



MARCIO
SUD
PRODUÇÕES



Márcio Sno (organização) | Rodrigo Motta (ilustração)

Doce libertar



Marca de Fantasia
Márcio Sno Produções
Paraíba - 2020

Doce libertar

Márcio Sno (organização) - Rodrigo Motta (ilustração)

2020 - Série Tertúlia, 5



MARCA DE FANTASIA

Rua Maria Elizabeth, 87/407
João Pessoa, PB. 58045-180. Brasil
marcadedefantasia@gmail.com
www.marcadedefantasia.com



marciosnoprod@gmail.com

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia (CNPJ 09193756/0001-79) e do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB

Editor/Designer: Henrique Magalhães

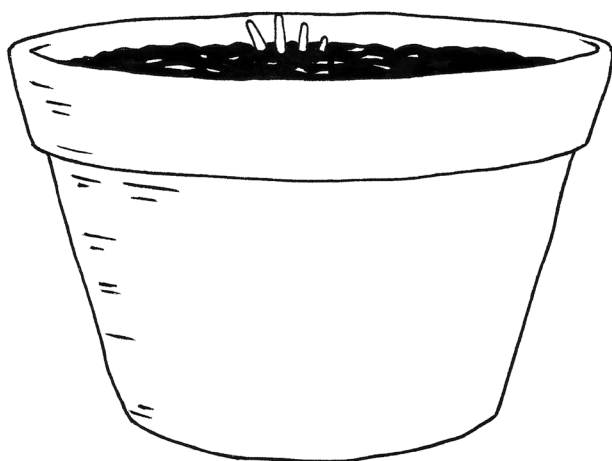
Conselho Editorial

Adriana Amaral - Unisinos/RS; Adriano de León - UFPB;
Alberto Pessoa - UFPB; Edgar Franco - UFG; Edgard Guimarães - ITA/SP;
Gazy Andraus, Pós-doutoramento na FAV-UFG; Heraldo Aparecido Silva - UFPI;
José Domingos - UEPB; Marcelo Bolshaw - UFRN; Marcos Nicolau - UFPB;
Marina Magalhães - Universidade Losófona do Porto; Nilton Milanez - UESB;
Paulo Ramos - UNIFESP; Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP;
Waldomiro Vergueiro, USP; Wellington Pereira, UFPB

Capa: Rodrigo Motta
rodrigomottas@hotmail.com

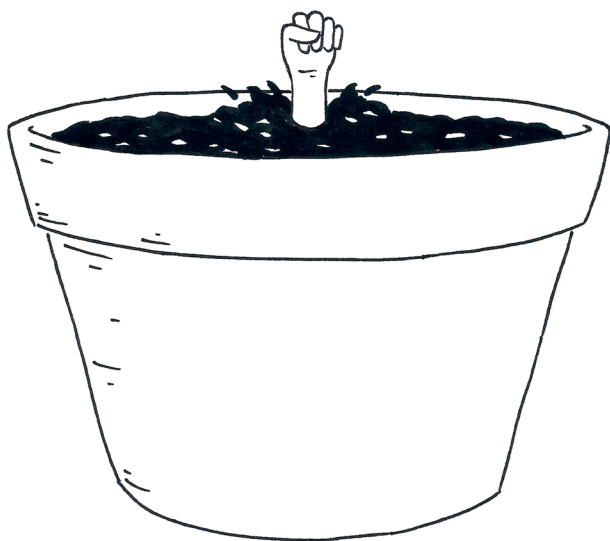
Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

ISBN 978-65-86031-25-6



Sumário

- 9. Nunca mais – Márcio Sno
- 14. Desejo – Odair José
- 17. Pecado de morte – Paulo Henrique P. Z.
- 22. Quebrando armários – Clodoaldo Beraldo Antunes
- 30. Macho! – Ruy Bento Vidal
- 38. Entrei no punk pra sair do armário – Felipe Arruda
- 44. Um pouco sobre mim – Marcos Souza Paiva
- 51. Assim de repente... – Márcio Sno
- 62. Doce libertar – Redson Pozzi



Eu agora sou bem diferente
Não se assustem e não se preocupem
Sou o mesmo de antigamente
Só que agora nada mais me encuca

Odair José (1977)



Nunca mais

Márcio Sno

Se entender homossexual é uma tarefa muito complexa. Perceber que é diferente num contexto heteronormativo, pautado em dogmas, crenças e homofobia dá diversos nós na cabeça e, geralmente, a pessoa acaba acreditando que o problema está nela. Muitas vezes carrega essa “culpa” por toda a vida, levando esse segredo para o túmulo. Resumindo: renuncia à própria felicidade, fingindo-se heterossexual para se adequar à família, ao trabalho, à sociedade e à tradição.

Geralmente a pessoa consegue se assumir (ou é forçada a isso) na adolescência ou começo da vida adulta. Não é levada a sério de imediato, pois os mais próximos acham que é uma fase ou moda. Porém, há outras que, depois de certa idade e ter passado por relações heterossexuais, enfim, percebem que é a hora de colocar em ação um outro desejo.

Aí vem outras situações que tem que lidar. Pra quem e como falar sobre a novidade, como as pessoas passam a se comportar depois da revelação, as outras que se afastam, as piadinhas que ouve (“depois de veio, virou viado?”, “enlouqueceu, é?”, “sempre soube...”) e, ainda, se sentir observado quando está de mãos dadas com o namorado e, ainda, os olhares de surpresa, reprovação e nojo.

Foi assim comigo e com outros cinco homens que contam suas histórias nesse livro. Passamos a maior parte de nossas vidas “com algo para resolver” e, num determinado dia, resolvemos rasgar as fantasias e tomarmos as rédeas de nossas próprias vidas.

A ideia desse projeto surgiu em julho de 2020, numa conversa em um grupo de WhatsApp de amigos gays ligados ao cenário punk/hardcore. Um desses amigos comentou sobre um ex-namorado que, assim como eu, se assumiu depois dos 40 anos. Nessa hora me deu um estalo: sempre tive vontade de compartilhar minha história e ter relatos de outras pessoas que passaram pelo mesmo que eu, seria importante para que outras, que ainda estão presas, tomassem coragem para se entenderem e se assumirem. Afinal, encontrar seus pares nessa situação ajuda na autoconfiança e para se perceber como um ser normal como qualquer um.

Acabou que esse ex-namorado não quis contar a história e, então, passei a caçar pessoas por meio de uma convocatória que distribuí para amigos. Curiosamente, entre os participantes só conhecia um, os demais foram indicações. Com isso, tive que lidar com duas questões: tratar de um assunto delicado com pessoas que não conhecia e atuar como editor sem fazer a mínima ideia do estilo e ritmo de escrita de cada um. Mas consegui lidar bem com esses desafios e cá estamos.

Outra curiosidade foi que apenas uma mulher se interessou, porém, não deu andamento à sua participação. Então, fechei só com homens.

Embora todas as histórias tenham em comum homens maduros entendendo sua sexualidade, o contexto de cada um dos

participantes é bem diferente um dos outros. Com isso, a possibilidade de mais pessoas se identificarem é maior.

Também inseri duas letras de músicas. A princípio era para ser apenas “Doce Libertar”, composta por Redson Pozzi, abrindo o livro. Desde que conheci a canção, há muitos anos, sempre fiz relação dela com homossexualidade. Porém, no meio desse processo, o cantor e compositor Odair José criou “Desejo”, baseada em minha história. Isso mesmo: ele criou uma música algum tempo depois que contei para ele sobre minha redescoberta. Cheguei a pensar em deixar a canção de Redson fora da publicação, mas ela reapareceu de forma muito interessante.

O título provisório do projeto era “Quebrando Velhos Armários”, que eu não gostava, e fiquei em busca de um nome que não fosse tão óbvio, mas com um significado forte. Tentei achar alguma frase nos textos produzidos e nada... Um dia, ouvindo a discografia da banda Cólera (na qual Redson era o letrista), “Doce Libertar” ficou martelando na minha cabeça e a resposta estava clara: esse era o nome do livro! Pedi autorização da banda para usar a música (o compositor faleceu em 2011) que foi aceita de imediato.

A escolha de Rodrigo Motta para as ilustrações se deu pela simplicidade e linguagem poética de seus traços, notadas principalmente em sua série *Reminiscências 3x4*. Para chegarmos à ideia final, não foi difícil: conhecemos bem o trabalho um do outro e foi fácil captar o que se passava na cabeça e nas mãos dos envolvidos. Depois que pensamos na base (vaso de flor) e no desfecho (a liberdade), o resultado foi exatamente o que estava imaginando.

O período entre ter a ideia do projeto até a sua publicação foi bem rápido. O que explica isso? Arrisco em dizer que passamos tanto tempo presos numa pseudorrealidade que, agora que nos libertamos, queremos gritar bem alto para o mundo que nunca é tarde para investirmos na nossa própria felicidade. Essa felicidade que ninguém, nunca mais, vai tirar da gente.

Os armários já foram destruídos.



Desejo

Odair José

Assim de repente
Fui percebendo
Um outro desejo me envolvendo
Me seduzindo, tirando meu freio
Me conduzindo, sem qualquer receio
De ser um absurdo aos olhos do mundo,
Pelo meu devaneio

Assim simplesmente
Aceitei a verdade
De um outro momento, uma outra vontade
De tantos prazeres ao que eu resistia
Entre dois seres, uma só fantasia
No meu corpo voa
Uma outra pessoa que eu não conhecia

Ao abrir essa porta, eu me libertei
Hipocrisia está morta, eu mesmo matei
De um jeito plural, o amor sobrevive
Num efeito carnal, eu agora estou livre
Livre, sou livre

Odair José é cantor e compositor goiano. Um dos compositores mais censurados durante a ditadura militar, compôs diversas músicas que tratam de temas pouco explorados na década de 1970, como romances com prostitutas e empregadas, relações homoafetivas, drogas, empoderamento feminino etc. Está em atividade há 50 anos e continua pregando a liberdade em suas composições, renovando e ampliando constantemente seu público e repertório.



Pecado de morte

Paulo Henrique P. Z.

Meu relato é breve e remete à minha luta sobre minha aceitação como homem homossexual em um contexto de uma família tradicionalmente religiosa protestante.

Nasci e fui criado na mesma cidade e residência. Tive uma infância relativamente tranquila no que diz respeito a relações familiares, com uma família aparentemente normal, dentro dos padrões exigidos para uma “família tradicional religiosa”. No entanto, desde muito jovem, eu já sentia que havia algo diferente comigo. As relações de amizade com meus amiguinhos do sexo masculino despertavam sentimentos que eu não sabia explicar. Nunca tive coragem de me abrir e nem mesmo conversar com ninguém nessa época, pois mesmo sem saber o que estava se passando comigo e quais sentimentos se afloravam em mim, tinha medo de imaginar que poderia ser “algo proibido”, que ferisse ou pudesse abalar o que eu acreditava sobre o que seria certo, pois o discurso religioso do “certo e errado” me assustava.

Conforme os anos foram se passando, em reuniões de família, as dúvidas sobre minha sexualidade se apresentavam entre primos e tios e foi, inclusive, motivo de conflito entre os familiares. Minha mãe era sempre questionada pelos meus parentes sobre como eu me comportava, dizendo que eu não era normal. A apa-

rente negação da minha mãe sobre meu possível “desvio” me desencorajava ainda mais na busca pelo entendimento do meu eu.

A religião sempre foi o “esteio” que ditava comportamentos e apontava o que deveria ter seguido e, ao mesmo tempo, tornava minha família extremamente preconceituosa, com discursos que beiravam o ódio. Todo esse turbilhão de sentimentos, misturados às questões religiosas, me impediam de ver e entender e até problematizar o que eu sentia, me impedindo de me conhecer.

Em uma das tentativas de abafar esse “pecado de morte”, que se construía e se fazia cada vez mais presente na minha cabeça, arrisquei um relacionamento heterossexual com uma irmã da minha igreja, na intenção de desviar atenção que estava voltada para mim, pois sempre era questionado sobre relacionamentos. Não tinha namorado ninguém até então e isso, queira ou não, se tornava motivo para que duvidassem da minha sexualidade.

Na relação que me propus a ter com uma mulher, aparecia a tentativa de me esconder e, ao mesmo tempo, poderia até me “curar” dos sentimentos que se apresentavam a mim, e acreditei piamente que isso era possível, até que surgiu uma nova informação que tornou minha situação mais complexa e tive que iniciar o enfrentamento interno a partir disso: minha irmã se assumiu lésbica e tira o chão da família. Meu pai, que na época ainda estava vivo, aceitou com mais facilidade a orientação sexual da minha irmã e, para minha mãe, era o fim do mundo. Mais uma vez me desencorajando ao enfrentamento dos meus sentimentos.

Após a morte de meu pai, outros acontecimentos me fizeram terminar o relacionamento heterossexual que eu cultivava, percebi que as decepções acontecem mesmo em uma relação dita

“normal”, em meio a diversas dúvidas e problemas de relacionamento. E chegava, então, a hora tão difícil para mim de me enfrentar e, mais do que isso, contar para minha mãe que não entendia essa forma de amar, que escapava do seu controle e feria tudo o que acreditava como sendo o correto.

Primeiro comecei a me abrir para colegas próximos, com muita dificuldade de me expressar, mas para eles isso não foi novidade e, além de apoio, percebi neles uma felicidade por mim. Iniciei um relacionamento homossexual, ainda em processo de aceitação, e vivenciei uma relação curta, mas que me serviu de abertura para expor meu novo eu, agora mais amadurecido e com menos dor e medo de rejeição.

Contar para minha mãe não foi tão espontâneo e ocorreu devido a uma mensagem de celular lida por ela, num descuido meu. Ela, como mãe, já estava percebendo os indícios que eu fui deixando sobre minha nova realidade e me colocou na parede e, então, resolvi dizer de forma superficial tudo o que estava se passando e, mesmo com a rejeição inicial e sofrimento dela, segui em frente com minhas convicções sobre o que sou, além do que isso não é ruim e muito menos pecado, e que ninguém pode me dizer como viver e amar.

Quando decidi por viver o que sinto, mesmo aos 31 anos, o que é tarde para a maioria, consigo colocar a cabeça no travesseiro de maneira mais leve e, mesmo sofrendo certa pressão da minha mãe sobre o que sinto e se eu estaria certo sobre o caminho que decidi trilhar, sigo forte em minhas convicções e trago essa possibilidade para os que ainda se encontram nesse dilema.

Enfrentar é sempre a melhor opção e não existe tarde para viver e ser feliz, apenas digo que cada um faz um caminho diferente no processo de aceitação e nem sempre é tão ruim quanto parece. Ter amigos por perto e pessoas que te apoiam te dá forças para enfrentar e desfrutar de uma vida plena e menos dogmática, sem o peso da religião e seus julgamentos, na intenção de viver uma vida como um todo.

Paulo Henrique P. Z. nasceu e vive há 32 anos em Umuarama/PR. Formado em Ciências Biológicas e especialista em Educação e Gestão Ambiental, é funcionário público e atua como professor. A princípio como hobby, a Fotografia se tornou sua segunda profissão há pouco tempo.



Quebrando armários

Clodoaldo Beraldo Antunes

Minha infância foi bem tranquila, morava em um sítio em Campina da Lagoa, interior do Paraná, cidade pequena onde todo mundo conhecia todo mundo. Como vivíamos na roça, meu pai trabalhava na agricultura e minha mãe cuidava do lar. Minha família era bem conhecida, pois meu pai também era um tipo de delegado de um patrimônio chamado Herveira, onde estudei por um tempo. Nessa época, eu era mais conhecido como “piá do Hélio ou do Coronel” (piá se refere a criança, e Hélio é meu pai que era conhecido também como Coronel). Por esse tipo de “status” que meu pai tinha, acabou que ficamos muito conhecidos na região.

Eu logo percebi que era “diferente”, digamos assim. Mas foi na adolescência que realmente percebi a minha condição sexual. Lá pelos 13, 14 anos comecei a perceber que me atraía mais pelos meninos, mas, naquela época, não tínhamos nenhum tipo de informação sobre isso. Como morava em cidade pequena e no sítio, eu ia meio que me descobrindo sozinho. Com 16 anos comecei a estudar à noite e a conhecer pessoas mais adultas, fora da minha realidade, em uma cidade maior. Porém, isso não queria dizer que tinha mais acesso a esse tipo de informação. Minha família era conhecida por homens “brabo” e mulherengos, bons de futebol, enfim, tudo aquilo que não me chamava a atenção!

Quando comecei a sair à noite, sempre era com meus parentes e, então, eu era bem confuso sobre a minha condição sexual e ficava na minha. Aí, nos rolês, comecei a ficar com meninas, mas era sempre por pressão e não por vontade de ficar com algumas delas. Enquanto isso, o tempo ia passando e, conforme isso acontecia, cada vez mais me convencia que tinha alguma coisa, mas não sabia o que era de fato.

Aos 18, comecei a sair com uma menina, que começou a dar em cima de mim. Eu meio que relutava, mas foi aí que comecei a perceber que isso virou motivos de comentários de que eu não gostava de mulher e que eu era “viado”. Foi então que comecei a perceber que, “ser viado” era errado e que obrigatoriamente eu teria que gostar de mulher. E, como disse, isso cada vez me deixava mais confuso! Até que então comecei a namorar essa menina, porque já havia na minha família uma certa cobrança quanto a isso de namoro, casamento, família e todas essas coisas. O namoro durou 6 meses e foi quando eu transei pela primeira vez! E, diga-se de passagem, foi bem estranho, pois percebia que pra mim não tinha vontade de ficar com ela, e eu entendia como se fosse uma obrigação a se cumprir, que não era aquilo que eu queria!

Já com 19, comecei a ir para cidades um pouco maiores, conheci pessoas diferentes das quais eu estava acostumado. Então, conheci um amigo de um amigo meu e ficamos bem próximos e, um belo dia, aconteceu e BOOMMM... era isso! Foi totalmente diferente. Aquilo me deixou extremamente convencido do que eu gostava e, com o passar do tempo, isso foi ficando cada vez mais comum pra mim. Mas era tudo muito bem escondido para ninguém ficar sabendo, pois morria de medo do meu pai, por ele ser muito bravo;

da minha família; da rejeição dos amigos e isso, de certa forma, me deixou por muito tempo preso dentro do armário.

Até que chegou o momento quando saí de casa: fui cuidar da minha vida, pois aquilo de roça, aquela vida de cidade pequena, junto com problemas familiares, não estava dando certo e acabei indo morar em cidades maiores. Mas isso sempre como uma vida dupla. Fui para uma cidade maior onde não conhecia ninguém. Casei duas vezes, com uma fiquei 13 anos e a segunda 5. Antes de conhecer meu atual esposo, tudo isso era escondido, pois morria de medo, porque agora morava em cidade “grande” e o medo agora era de os colegas de trabalho descobrirem e isso me fazer perder o emprego. Então, meus namorados, para o resto da sociedade, eram apenas amigos que dividiam o apartamento.

No segundo casamento, já morando em Maringá/PR, com 36 anos percebi que o armário cada vez ia ficando menor. Já estava me incomodando não poder ser quem eu era de verdade, ter que ficar sustentando uma personagem para esconder minha sexualidade. Então, a vida na cidade grande era diferente, apesar de existir preconceitos, hoje ela é mais aberta para os LGBTQIA+ e isso foi me deixando mais seguro.

E vendo que pessoas como eu, que viviam suas vidas sem se preocupar com o que os outros iam dizer, me encorajava cada vez mais. Em Maringá conheci os donos do Vaca Louca Café Vegetariano, o Paulo e seu esposo, Carlos, que levavam uma vida normal. E foi na convivência com eles que fui entendendo mais sobre as causas e movimentos LGBTQIA+, e isso cada vez ia me agradando mais e mais. Até que um dia, estava em uma festa com

um ex e minha prima Jéssica que, até então, não sabia de nada! Mas, desconfiava. Então ela perguntou:

– E esse “fulano” aí?

– Estamos juntos há 3 meses – respondi.

E ela só respondeu:

– Massa!

Depois expliquei toda a verdade para ela, que sempre me apoiou e acabamos ficando mais próximos.

Logo depois, decidi contar para minha mãe. Ela já morava em outro estado, então a gente se via pouco e nos falávamos com mais frequência pelo telefone. Até que um dia resolvi contar para ela também! E, conversando ao telefone, ela me contando dos netos e coisas da família, falei:

– Mãe, tenho um assunto sério para falar com a senhora! Antes que você crie expectativas comigo sobre família filhos e tals, eu quero dizer que sou GAY.

O telefone estava em viva voz e meu irmão mais novo também estava ouvindo. Ela simplesmente deu uma risadinha e disse:

– Eu já sabia!

Fiquei mais espantado com a reação dela, do que ela com minha revelação. Ela disse que sempre soube e quis me deixar à vontade para contar quando eu estivesse preparado, que me amava do mesmo jeito e que eu tomasse cuidado. Meu irmão mais novo também disse que por ele estava tudo certo. Mas ela alertou que não era uma boa ideia contar ao meu pai. Então, liguei para meu outro irmão e meus tios e tias e contei tudo! E tudo ficou bem. E isso correu pela família e na cidade como rastro de pólvora. Mas isso já não me incomodava. Muito pelo contrário: queria que

mais pessoas ficassem sabendo do fato! E como minha família não morava mais na cidade, não me preocupei com o falatório.

Um certo dia, estava na sala com meu pai assistindo TV e passou uma reportagem do Jornal Nacional sobre a Parada Gay de São Paulo. Nisso ele disse:

– Nossa! Quanto viado que tem né?!

– Pois é, tem mais viado do que o senhor imagina! E tem viado onde se menos espera – completei.

Ele arrematou:

– Eu já sei!

E nisso, o silêncio tomou conta da sala e resolvi não dar continuidade ao assunto: eu tinha entendido o recado.

Com o passar do tempo, ele sempre me via com outros homens e nunca me questionou sobre isso. Já para meu irmão mais novo ele sempre perguntava das namoradinhas, de quando ele iria casar e todas esses assuntos de família, mas comigo não. Nunca perguntou, mesmo porque ele já sabia que eu não iria me casar, pelo menos não da maneira tradicional. Um tempo depois, meu pai ficou sabendo por terceiros sobre minha sexualidade, mas nunca tocou no assunto, sempre me tratou igual, conheceu meus namorados, os quais ele sempre tratou muito bem. Ele já deixou muito claro que sabe e tem consciência de tudo, mas, de uma certa forma, ele não toca no assunto. Preferi ficar na dele e, como eu conheço a sua personalidade, sei que o assunto está dado por encerrado.

Para mim, isso não mudou nada em relação à minha família, amigos e colegas de trabalho. Então, sigo minha vida normalmente, sem precisar me esconder de nada e ninguém, uma vez

que minha família não me questiona, não tenho porque me preocupar com isso. E se, mesmo assim, tivessem se incomodado com o assunto, iria continuar minha vida porque os boletos chegam na minha casa e não na deles. Logo, não tenho que dar satisfações a ninguém.

Depois que me assumi a todos, foi como se bilhões de toneladas tivessem saído das minhas costas, vivo melhor assim, sem ter que ficar sustentando um personagem, só porque não sigo um padrão pré-estabelecido. Hoje não me escondo de ninguém! Estou no terceiro casamento há 5 anos e continuo saindo do armário constantemente, pois cada vez que eu conheço uma pessoa nova, eu tenho orgulho de dizer que sou gay e se ela quiser ter contato comigo tem que ser assim! Se não, passar bem, obrigado! Não preciso de pessoas que agregam em nada na minha vida e não me aceitam como eu realmente sou.

Hoje em dia percebo que deveria ter feito isso há muito mais tempo. Que deixei de viver muita coisa por sempre estar com medo de que alguém descobrisse. Eu aproveitava minha passibilidade como hétero para me esconder, já que não aparentava ser gay. E hoje eu uso essa mesma passibilidade para mostrar às pessoas que qualquer um ao seu lado pode ser gay, e isso não afeta a vida de ninguém.

Atualmente, com 44 anos, sou professor gay assumido e atuante nos movimentos LGBTQIA+, posso mostrar que podemos ser o que quisermos, e que somos competentes para atuar em qualquer profissão que desejamos. E nessa longa caminhada, algumas pessoas ficaram para trás! Bom, acho que ninguém precisa de uma pessoa ao seu lado que não te ame pelo que você é.

Sei que sou privilegiado com isso na minha família e talvez para outras pessoas isso seja mais difícil, porém, viver a sua verdade e buscar a sua felicidade é mais importante que ficar imaginando o que os outros vão dizer!

Clodoaldo Beraldo Antunes é geógrafo licenciado, professor de Geografia nos Ensinos Fundamental I e II e Médio. Pós-graduado em Sustentabilidade e Meio Ambiente. Representante dos professores LGBTQIA+ do noroeste do Paraná pela APP Sindicato. Militante por causa sociais e direitos LGBTQIA+.



Macho!

Ruy Bento Vidal

Menino, nos livros me atraíam... nas pinturas, esculturas, nos afrescos das igrejas, os homens nus.

Sempre fortes e poderosos.

Machos!

Garoto, não brincava de bola.

Nem de troca-troca com eles.

Apurava o gosto nos livros, nas pinturas, esculturas, nos afrescos das igrejas.

Homens nus.

Fortes e poderosos.

Machos!

Adolescente, nunca joguei futebol.

Apurava meu gosto no tênis, no uniforme, impecavelmente branco.

Num embate viril e ágil.

Como nas pinturas, esculturas e nos afrescos das igrejas.

Machos!

Adulto, uma colisão, aos vinte e dois anos!
Ela... trinta e quatro anos, dois casamentos, três filhos, me afronta.
Reconhece, de imediato, o menino homem.
Se desafia...
Me seduz!
Me joga na cama.
Me aflora.
Me faz seu macho!
Reconhece os livros, minhas pinturas, esculturas, os afrescos de
minha igreja.
O homem.
Forte e poderoso.
Macho.

Por trinta e três anos, fui seu homem nu.
Fiz os arranjos de flores de nossa casa.
As decorações da casa.
Das festas.

As roupas e os acessórios, preparava pelo menos três opções, pra
sua decisão, ao vestir-se.
E ela dançava, bebia e cantava.
E bebia.
Ela adorava isso!

No sexo, me ensinou, como um “animal adestrado”, a esperar seu
orgasmo.

(Quando estava quase chegando lá, a safada passava o dedo no meu cu e eu gozava no ato, junto com ela. Como era bom...)

Tive uma filha linda com ela.

Lá pelos vinte anos de casados, numa de nossas crises, ela começou a fazer insinuações sobre minha sexualidade, só pra me provocar.

Dava indiretas, diretas, quando explodi...

“Olha aqui mulher, eu nunca menti pra você. Só omiti coisas.

Sempre te afirmei que nasci sozinho de uma barriga.

Que meu corpo e meus desejos, eram e são estritamente particulares.

Já deu essa situação!

Vou te dizer uma coisa...

O que é que você quer saber, com essas insinuações?

Pergunta, mas aguenta o tranco, tá bom?

O que você quer saber, você sabe que é foda!”

Olhando em seus olhos, firmemente, a enfrento...

“E aí, vai... pergunta! Pergunta, que eu respondo”

No ar, uma pausa teatral.

Silêncio... ela se aproxima... e levemente toca sua boca na minha e se afasta.

– Por que eu deveria querer saber, por você, o que sempre soube, não é?

Se aproxima de novo, e me dá um longo beijo.

Sorrindo diz...

– Que bobagem a minha, procurando gema em ovo, não é mesmo?

(Ela sempre me protegeu do mundo e de todos. Não admitia, nenhum constrangimento ou desrespeito).

Por trinta e três anos fui seu homem nu, mas compartilhado no mundo.

Aos sessenta e seis anos com meus cinquenta e quatro, ela falece de um câncer muito agressivo.

Repentino.

Dois anos de luto!

Repentino é o tempo...

Meu fígado entra em colapso.

Três possibilidades, me aponta o médico...

Cirrose.

Câncer.

Ou uma intensa situação psicológica.

Arrisco, que pode ser... uma intensa situação.

Ele pergunta...

– Por quê? Diz pra mim!

Repentino é o tempo...

“Estou apaixonado!”

– Que bom! Você disse que vem de uma viuvez, mais ou menos recente.

– Que bom! Ela vai te fazer bem.

“É doutor, mas não é bem assim!”

– Como não?

“É que... não é ela. É... Ele!!!”

Na maior naturalidade, me aclara...

– Não interessa quem seja. O amor é sempre muito bom.

– Alguém já sabe? Você tem filhas, não é? Já contou pra elas?

“Não! Não achei que era o momento. Mas não tenho nenhum problema em contar.”

– Então faça isso e seu fígado vai sorrir.

Na manhã seguinte acordo com uma de minhas filhas, ansiosa querendo saber do resultado da consulta.

– Então Pá, você não está com câncer, não é? Fala logo, estou louca de ansiedade.

“Não... é só um caso psicológico. O médico disse que se eu desabafar, tudo vai ficar em ordem.”

– Desabafar o quê, pai? Fala logo!

“Bom... é que estou apaixonado”, falei baixinho.

– Pai! Apaixonado? Que bom... e começou a chorar, me abraçar e beijar, efusivamente.

“Minha filha, para com isso! As coisas, não são tão simples assim... A situação é um pouco mais ‘punk’... Você sabe quem é, por acaso?”

– Lógico, que sei!

“Como assim, sabe o quê?”

– Pai, é o Gui, não é?

“É!!! Como você sabe?”

– Pá, você não para de falar nesse cara e num entusiasmo, que já tinha suspeitado.

– Só não comentei, porque você não deu abertura.

– Estava respeitando seu momento.

– Mas que desconfiava, desconfiava.

“Tudo bem, maluca, mas por que, toda essa felicidade?”

– Tô muito feliz mesmo, sabe por quê?

– Primeiro por você, depois por mim...

– Sendo ELE, não tem competição!

– Morria de medo, que de repente aparecesse uma chata qualquer.

“Não acredito nisso! Mulheres sendo mulheres...”

Repentino é o tempo...

Faz quase dez anos hoje.

Velho, beirando os setenta, me atraem os livros, as pinturas, esculturas e os afrescos das igrejas.

Homens nus!
Jovens e machos.

Quando por qualquer razão, vem uma conversa sobre gênero, sexualidade, gosto de afirmar, que sou macho.

Gosto de ter cara de macho.

Corpo de macho!

Normalmente, dizem que não têm dúvidas sobre isso.

Daí reafirmo...

“Sou macho pra CARALHO!”

Respondem...

– Sim, não temos dúvidas!

“Cara, sou macho pra caralho, não pra bucetas, entendeu?”

Ruy Bento Vidal dirigiu e produziu os curtas *O All Star e o Sax*, *Asas de Encontro* e *Boxed In*. Publicou a série de crônicas *Explícito* 1, 2 e 3 e de culinária poética *Receitas de Prazer*. Expôs as videoinstalações: *Mar em Lágrimas* no Museu de Tatuí, *Almas Aflitas* no Memorial da América Latina e *Mar de Águas Vivas* no Sesc SP. No momento realiza uma série de aquarelas em tecido no tema “Santas Ceias” e “Covid19”.



Entrei no punk pra sair do armário

Felipe Arruda

De alguma forma, as pessoas sempre souberam que eu era gay. Muito antes de eu entender o que era sexo, de eu cogitar beijar alguém, muito antes até de eu me entender como menino, homem ou pessoa. Enquanto crescia em Curitiba, nas décadas de 80 e 90, ouvi, percebi e senti muitos apelidos, comentários e preocupações. Para usar uma expressão-meme, se minha infância tivesse acontecido nos anos de 2010, eu provavelmente teria sido chamado de “Criança Viada”.

Meus pais até que respeitaram meu tempo e, na infância, evitaram conversar diretamente sobre isso comigo. Quando eu me queixava do comportamento dos outros colegas é que eles me davam “dicas” do que poderia estar “diferente”.

Para mim, era muito divertido passar o recreio com as meninas, colecionar papel de carta e jogar vôlei em vez de futebol. Mas também era nisso que as preocupações residiam, mesmo que eu participasse de jogos e brincadeiras com os meninos. Coisa estranha que é descobrir que existe um comportamento esperado para você executar enquanto cresce.

Talvez por sentir essas preocupações ou por tentar me livrar delas, fui me aproximando mais do que esperavam de mim enquanto eu entrava na adolescência. Isso acalmava as coisas so-

cialmente, mas não dentro de mim. Tentei me relacionar amorosamente com meninas, tentei ficar sozinho, fiz parte de muitos grupos, mas nunca me sentia inteiro.

Além desse desenganço, havia outro: com uma doença no fêmur direito que me acompanhou por muitos anos, eu não podia participar das aulas de Educação Física. Essa foi uma das dificuldades da época, pois fiquei um pouco privado da integração e de outros ensinamentos que os esportes coletivos proporcionam. Porém, essa foi a melhor coisa que me aconteceu, pois descobri o conforto da biblioteca e dos livros e, mais importante, fiz amizade com uma menina que expandiu meu mundo.

Essa amiga também era dispensada da Educação Física, pois carregava sequelas de poliomielite. Criamos uma espécie de “canto dos excluídos”, conversando sobre muitas coisas enquanto os outros suavam na quadra esportiva. Durante a década de 90, faziam sucessos as duplas sertanejas e era isso que eu ouvia. Mas depois de uma conversa sobre música, ela me trouxe fitas gravadas com AC/DC e Ratos de Porão. Na época, não entendi nada. Ouvi, gostei dos palavrões e da energia, mas era muito diferente do que eu estava acostumado.

Porém, acho que essa foi uma experiência e um incentivo que me levaram, mais tarde, a descobrir outras culturas, tanto as pop quanto as de contestação. Quadrinhos, RPG, card games, rock, skate (nunca andei), surf (nunca surfei), rap e, principalmente, o punk. Encontrei nesses meios uma existência e um respiro. Principalmente no punk.

Foi no punk que pude gritar e experimentar. A ideia de Faça Você Mesmo e de que, além de estar tudo bem, era até política-

mente e socialmente desejável ser diferente, dialogaram muito comigo. Comecei a frequentar shows, conhecer discos e pessoas, ler zines e, com o tempo, participar de coletivos e formar banda.

Mesmo tendo conhecido pessoas LGBT no punk, foi difícil para me assumir. Lembro que nesse período, pelos meus 20 anos, me acalmou bastante ler uma entrevista com o Martin, do Limp Wrist, no jornal Antimídia. Perguntado sobre a importância de se assumir, ele disse que não podia exigir que alguém saísse do armário: às vezes, o armário garante a segurança física da pessoa.

As pessoas que conheci no punk fizeram diferença na minha vida e também souberam esperar meu tempo. Algumas dessas pessoas se tornaram verdadeiros irmãos e, com elas, fui ficando cada vez mais à vontade comigo.

Meu irmão foi a primeira pessoa para quem contei sobre minha homossexualidade. Temos uma relação de muito companheirismo e a conversa foi ótima. Depois, me abri com os amigos mais próximos. Alguns comemoraram e outros ficaram preocupados. No geral, tudo foi se encaixando e eu também soube dar tempo para os que tinham alguma dificuldade em aceitar.

Mas, para mim, sair do armário mesmo aconteceu aos 31 anos, na noite do meu aniversário, quando decidi falar com minha mãe. Quando chamei ela para conversar e tive vontade de chorar, lembro que ela gritou: finalmente ele vai falar! Chorei muito e finalmente oficializei o que ela e muitos outros já sabiam. A conversa foi tranquila e ela deu a notícia para o meu pai, mas para chegar a esse ponto foram décadas de pressão e tensão.

Aos 32, decidi que precisava de espaço para mim e me mudei para São Paulo. Foi nesta cidade que, alguns meses depois,

aprendi o que é amar e tive meu primeiro relacionamento de fato, por quase 8 anos.

Vivi todas as fases de um casamento, do flerte ao término, passando por diversos momentos com nossas famílias de origem. Nesse período, inaugurei muitos papéis na minha vida: namorado, companheiro, marido, tio, cunhado e genro.

Desde a conversa com minha mãe, também aprendi que sair do armário não é um evento único. São muitas saídas de armário ao longo da vida. Quando mudam os grupos, em algum momento, preciso me afirmar: em um trabalho novo, em uma sala de aula nova, com um amigo que começa a ficar mais próximo etc. Mas hoje se tornou muito mais fácil e espontâneo.

Além disso, os assuntos familiares nunca terminam. Foi só em 2018, aos 38 anos, que tive a primeira grande conversa com meu pai, em uma lanchonete no centro de Curitiba. Ele me contou como foi difícil o caminho de me aceitar, que chegou a chorar ao ver personagens gays na TV e que, por estímulo da namorada, chegou a ir a uma balada LGBT para conhecer um pouco do “meu mundo”.

Herdei dele a facilidade e a angústia de ficar em silêncio e, nessa conversa, pude constatar mais uma vez como é libertador chegar ao reconhecimento da palavra.

De alguma forma, todos já sabiam que eu era gay. Mas só eu sei como é ser gay para mim.

Felipe Arruda é baixista da banda *Teu Pai Já Sabe?*, autor do livro de artista *Roubo* e do zine *Olá, Olá - Diálogo urbano em uma esquina de São Paulo*. Também participou de publicações coletivas, como o livro *Orelhas* (e-galáxia) e o jornal *Proibido Para*, e editou a revista *Rosa* de arte e literatura com temática queer.



Um pouco sobre mim

Marcos Souza Paiva

Vou tentar lembrar um pouco de como começou este sentimento que quase não entendia. Sabia que era diferente dos outros meninos e que aquela diferença me trazia prazer.

Eu não sabia o que era ser homossexual, tampouco cogitava a ideia de contar para meus pais, porém, mesmo sabendo que era errado para a sociedade, eu arrumava um jeito de satisfazer os meus desejos com os meninos que se interessavam. Nas brincadeiras de esconde-esconde, por exemplo.

Me lembro que a hipocrisia do homem hétero-machista já se manifestava naquela época. Estou dizendo dos anos 80, quando os garotos já gostavam de “ser chupados” ou fazer sexo anal, embora negassem.

Percebia o deboche dos amigos da rua e aqueles mesmos que transavam comigo às escondidas, atrás das casas ou no meio do mato nas brincadeiras de esconde-esconde, eram os mesmos que contavam para outros garotos como vantagem.

E digo “transar” mesmo, pois já sabia o que era ser penetrado e, mesmo sentindo dor, eu sentia prazer em ficar com aqueles garotos, sempre mais velhos e que gostavam de fazer uma ‘brincadeira’ de vez em quando. Toda brincadeira se resumia a isto,

uma oportunidade de fazer sexo com os mesmos meninos da rua, sempre que houvesse uma chance.

Também já sentia naqueles tempos o gostinho do preconceito, mesmo que não compreendesse o quanto aquilo matasse lentamente meus sentimentos por dentro. Aceitava tudo de forma natural, como se isto fizesse parte da sociedade e o problema era comigo.

Sou de uma família de mais três irmãos, um irmão gêmeo comigo (hétero), uma irmã do primeiro casamento e outra irmã do segundo casamento. Mas, desta época, só meu irmão gêmeo e minha irmã do primeiro casamento fazem parte, mais precisamente meu irmão.

Embora não tenha relatos do meu irmão gêmeo sobre a impressão desta época, creio que, de alguma forma, ele deve ter visto ou passado por algumas situações relacionadas à minha homossexualidade e que, de certa forma, o incomodava. Digo isto por causa das várias brigas travadas pelo meu irmão com os garotos da escola e da rua, muitas vezes para me defender.

Me lembro muito bem de sonhos que se misturavam a desejos sexuais e carência de afeto paterno, sonhava com um pai bonito e charmoso. Poderia dizer que estes sonhos, aparentemente estranhos, surgiam por uma ausência de uma estrutura familiar exemplar, minha mãe era alcoólatra e meu pai só trabalhava e, nas horas vagas, brigava com minha mãe por conta do seu vício com a bebida.

Era eu quem buscava bebida alcoólica pra minha mãe, sempre fui o mais apegado a ela e, segundo relatos de tias e amigas da minha mãe daquela época, minha mãe gostava de me vestir de mulher de vez em quando, embora não me lembre e não acrediti-

te, pelo menos até agora, de que este fato contribuiu na minha orientação sexual.

Nesta época eu morava em São Paulo, logo depois minha mãe faleceu prematuramente aos 38 anos e deixou órfãos três filhos e um pai desorientado, sem saber muito o que fazer. Graças a Deus, pela ajuda de parentes e amigos, tivemos um acalanto para superar toda aquela situação.

Diante disto, viemos para Ouro Preto/MG, morar com meus tios em um cômodo só. Minha irmã foi morar na roça com minha avó. Eu e meu irmão ficamos com meu pai e outros tantos tios adultos. Não posso negar que tudo me chamava atenção, pois eram homens morando juntos e meus desejos sexuais aumentavam. Não nego que olhava pra meus tios de forma diferente, porém não me recordo de nenhuma situação em que eles demonstrassem saber de alguma coisa.

Nesta época, eu assistia ao Programa da Xuxa e não foram poucas as vezes que eu olhava para aqueles personagens como: He-Man, os garotos da Caverna do Dragão, Super-Homem, com olhar malicioso, me excitava muito ver aqueles personagens masculinos de desenho. Não lembro se no final dos anos 80, quase 90, eu já sabia o que era “punheta”.

Mais à frente vem a adolescência, inconscientemente eu deixava de ser eu e passava a ser o que as pessoas queriam: era preciso seguir o velho padrão social.

Lembro-me muito bem de me interessar pelos meus colegas e fazia isto disfarçado em afeto, carinho. Não podia me revelar naquela época e daí me enganava ao me relacionar com mulheres. Namorei com primas, mulheres indicadas por família, até os 30

e poucos anos e isso foi um sofrimento: ia matando sentimentos verdadeiros que estavam dentro de mim em detrimento das regras sociais.

Aí vocês me perguntam: “como você conseguia ficar com mulheres?” Eu me virava como dava, não sou bissexual e não tinha ereção suficiente para promover ao menos uma penetração vaginal, então eu tinha que ser bom nos “sarros” e nas preliminares, fazendo sexo oral, por exemplo. Rolavam alguns comentários sobre se eu gostava ou não de mulheres, mas nunca fui questionado por nenhuma destas garotas. Afinal, eu poderia ser apenas um homem diferente dos outros tantos machos escrotos que existem por aí.

Chegou um belo dia que resolvi dar um basta. Terminei com uma garota com quem eu ficava em Mariana, cidade vizinha, e prometi a mim mesmo que nunca faria isso com ninguém, não me enganaria e, muito menos, enganaria mais ninguém. Isto é mais comum do que imaginamos, muitas amigas minhas já reclamaram e ainda reclamam de caras que se enganam, insistindo em um relacionamento hétero quando, na verdade, o que eles querem é outra coisa.

Muitos se apoiam na questão de conseguirem ser ativos na relação hétero, por conseguirem ter ereção e, com isto, acabam enganando muitas mulheres. Assim como têm muitas mulheres que conseguem levar esta relação enganosa com outros homens, pois, para uma sociedade preconceituosa e machista, basta ter uma vagina e tudo certo.

Depois que eu dei este basta na minha vida, muitas pessoas vieram me parabenizar ou me revelar que não compreendiam

porque eu me relacionava com mulheres se minhas vontades eram homossexuais pois, em questão de prazer, as coisas acontecem involuntariamente, não tem como controlar, você pode até tentar disfarçar.

Nunca me revelei para o meu pai, mas sei que ele sabe e não vai aceitar por preconceito, mas me trata com carinho. Converso sobre minhas intimidades com meus irmãos, primos e amigos próximos. No final, percebemos que não é quantidade e sim as pessoas certas que vão te apoiar e tornar a sua revelação mais tranquila e normal quanto parece. As outras pessoas ficam sabendo naturalmente, porém não é garantia que vão te respeitar mais, mas vão ter menos graça de falarem de você de forma maldosa.

Se eu pudesse e tivesse a maturidade de hoje já teria me revelado há mais tempo, pois isso acaba influenciando em nossos discursos e em nossa visão de mundo, além de aprendermos a colaborar mais para a luta de causas LGBTQ+ e seus direitos de ir e vir como cidadãos comuns.

Eu acredito nisto, a partir do momento que passamos a nos entender, passamos a falar mais sobre o assunto com as pessoas do meio homossexual e também com aqueles que não são, pois existe uma realidade dentro do mundo homossexual que nem o próprio homossexual conhece e que gera muitos conflitos.

Hoje tenho 46 anos, me assumi de verdade mais ou menos lá pelos 35 anos, me imponho perante os demais sempre com respeito e sou defensor da ideia de que devemos trazer as pessoas para o entendimento do mundo homossexual e não ficar criando barreiras, formando tribos, contribuindo mais ainda para o preconceito.

Incentivo a todos a saírem do armário, façam no seu tempo, mas o quanto antes, entendendo, claro, que cada um tem as suas realidades e sabem quais as consequências, muitas delas as vezes ruins, mas que não deixem passar muito tempo. Reforço aqui, quanto mais tempo demoramos a nos entender e nos assumir, mais vamos nos matando aos poucos e as sequelas psicológicas não são boas.

Gostaria de deixar claro que a questão de se assumir ou não é sua, não precisa assumir ou gritar para o mundo que você é homossexual, fale com quem você se sente à vontade e se sinta bem.

Marcos Souza Paiva nasceu em Santo Amaro, zona sul de São Paulo. Mudou-se para Ouro Preto/MG em 1987. Fez parte de movimentos estudantis na época do “Fora Collor”, integrando, na época, à entidade secundarista UESOP. Mora atualmente em Mariana/MG, onde é funcionário público há 12 anos. Formado em Gestão Pública pela UNIPAC Mariana. É estudante apaixonado pelo curso de História na Universidade Federal de Ouro Preto, e está no 2º período.



Assim de repente...

Márcio Sno

Minha mãe gerou quatro pessoas. Sou o único homem do grupo. Surgi em 1975, gêmeo com uma de minhas irmãs. Meus pais se separaram quando eu tinha três anos e, desde então, convivi mais com minhas irmãs e mãe, logo, aprendi a lidar com o universo feminino numa época na qual a mulher não poderia ser além de uma dona de casa submissa ao marido. Mas minha mãe quebrou todos esses paradigmas e, com isso, cresci feminista, mesmo sem perceber ou mesmo saber o que era isso.

Talvez por estar totalmente inserido no universo feminino, não curtia a brutalidade das brincadeiras dos meninos que, por sua vez, às vezes ficavam me caçoando com provocações que colocavam em prova a minha masculinidade. Incomodava, claro. Ninguém gosta de ser taxado de algo que não se identifica ou é conceituado como ruim. Porém, isso não me tirava o sono, uma vez que não fazia questão alguma de repetir a atitude daqueles que resolviam tudo na base da força. Mesmo assim, sempre fui muito fã de futebol, jogava (e bem) no time da rua. Ao contrário da maioria dos meninos, era minha mãe quem me levava para os estádios para acompanhar o clássico time da Democracia Corintiana.

Meus símbolos sexuais eram sempre femininos. Porém, não via nenhum problema em pessoas do mesmo sexo se amarem.

Desde criança via nos homossexuais algo interessante pois, também sem perceber, gostava de pessoas subversivas, que iam contra os padrões da sociedade. Me sentia confortável (e sem culpa) em achar um homem bonito ou atraente, porém sem poder externar. Nunca entendi isso como um traço de homossexualidade: sempre acreditei que as pessoas podem ser belas e sensuais independente de seu sexo.

Nunca tive conversas sobre sexualidade em casa, tampouco na escola. Não sei o porquê, isso nunca entrou em pauta. Tudo que aprendi sobre o assunto foi por meio dos livros da biblioteca de casa e nas revistas *Capricho* e *Carinho* que minha irmã mais velha comprava religiosamente todos os meses. Aprendi muita coisa, mas sempre na visão de uma adolescente dos anos oitenta.

Comecei a trabalhar aos treze anos como office-boy, e o contato com a rua e pessoas diferentes passou a ser encarada cedo. Todavia, só fui começar um relacionamento aos dezesseis. Namoramos e noivamos por sete anos. Quando começamos a pensar em casamento, fomos acometidos por algo fora da ordem: engravidamos. Foi uma grande barra no começo, mas depois que informamos aos nossos pais, foi tudo mais tranquilo. Casamos no civil e na igreja. Nosso filho nasceu três meses depois do matrimônio consagrado. Participei ativamente dos cuidados dele desde sempre.

Tivemos uma vida simples e sem luxo, porém, a prioridade era darmos uma educação libertária para nosso filho, levando em consideração as lacunas que ficaram na que recebemos de nossos pais. Ensinamos valores importantes a ele, sem nos pautar em regras ou dogmas que a sociedade e religiões impõem. Investi-

mos no ensino privado, mesmo quando não tínhamos condições: era prioridade primeira.

Quando atingi os quarenta, passei por um período de reconstrução de minha vida que, entre outras coisas, me tornei autônomo e adotei um estilo de vida bem mais simples. Conseqüentemente isso afetou toda a rotina financeira da casa e começou a ruir o que já estava abalado. Mas eu já não queria abrir mão de viver a vida da minha forma, do meu jeito. Com isso, se encerrou um relacionamento que durou exatos vinte e cinco anos. Período que fiz questão de não ter relações com nenhuma outra pessoa.

Antes que nos odiássemos, fechamos esse ciclo. Como eu moro na casa de minha mãe, ela iria sair. Então, até que achasse um local para mudar, combinamos que ela continuaria morando em casa dividindo, inclusive, a mesma cama. Obviamente que foi muito duro no começo, mas, conforme íamos nos acostumando à situação, brincávamos sobre a permanência na mesma casa e cama: onde já se viu isso?

Até que um dia ela conseguiu um local e se foi com nosso filho. Fiquei com o outro, um pinscher, que veio fazer as vezes de irmão quando o primogênito tinha apenas cinco anos. Não foi fácil vê-los saindo de casa, mesmo morando relativamente perto. Foram uns três dias de luto até eu entender que era aquilo mesmo que tínhamos decidido e a vida tinha que seguir.

Curiosamente, a minha ex se tornou minha melhor amiga, pois muitos assuntos só conseguimos conversar entre nós, uma vez que um sabe o contexto do outro. Também contava muito com a ajuda dela para cuidar do cachorro quando eu tinha que realizar trabalhos ou viajar para fora da cidade (essa rotina se

estendeu até a morte do cão, no início de 2020). Entre outras coisas, isso foi fundamental para nos adequarmos à nova vida, além de sempre nos incluir em reuniões familiares e passeios. Vida nova que se seguiu.

Nesse período que fiquei sozinho, decidi que não queria mais ter relacionamentos, vida a dois não é simples. Tenho minhas manias, meu jeito e não estava nem um pouco interessado em abrir mão dessa rotina, liberdade e, tampouco, me acostumar com as manias de outra pessoa. Consegui manter essa marra por pouco mais de dois anos. Nesse período não me relacionei, não buscava pessoas, pois não me achava interessante.

Mas, como disse o poeta: “porém, ah, porém”. Ninguém manda no coração, nem no corpo. E a vontade de ter alguém por perto passou a ficar cada dia mais forte. Mas havia algumas questões: quem eu estava procurando para uma relação? Que tipo de pessoa e corpo faria sentido para mim naquele momento? Tinha isso para resolver.

Já tinha encaminhado minha vida profissional e estilo de vida. Ficava pensando: se um dia escrevesse minha biografia, qual assunto ficaria oculto? O que faltaria nela para mostrar quem, efetivamente, eu sou? O que eu mais estava questionando era a minha sexualidade. E essa história de me relacionar com pessoa do mesmo sexo passou a ser uma possibilidade. Porém, como eu poderia me rotular como isso ou aquilo, se eu havia me relacionado apenas com uma mulher?

Essa história me intrigava a cada dia, passei a assistir vários vídeos que tratavam de sexualidade. Um dia, vendo uma entrevista que Jean Wyllys concedeu a Drauzio Varella, ele comentou

sobre como se descobriu homossexual: não se identificava como gay, pois nunca tinha se relacionado com um homem, então, não sabia o que era. Essa fala ficou ecoando em minha cabeça e eu cheguei a uma conclusão: uma pessoa heterossexual que nunca se relacionou com ninguém, ela é... heterossexual! Então, essa equação me fez perceber que, sim, eu tinha uma grande possibilidade de ser bissexual, uma vez que eu tinha a mesma atração por homens e mulheres, mesmo nunca tendo me relacionado com pessoas do mesmo gênero que o meu.

Como não sou de viver de faz de conta, precisei colocar isso para fora. Uma grande amiga foi fundamental para me ajudar a montar o quebra-cabeça da minha vida. Com sua ajuda, criei forças e consegui me entender como uma pessoa homossexual. Pronto. Agora, com o trinco destravado do armário, teria que dar meus primeiros passos.

Diante disso, não queria correr o risco de falarem coisas do tipo: “nossa, vi ele com um homem” ou algo parecido. A questão não era dar satisfações para a sociedade, mas proteger meus familiares que, certamente, seriam interrogados. Então, para duas pessoas fiz questão de falar em primeiro lugar, só me importaria com a opinião delas, os demais, se aceitassem ou não, poderiam falar o que quisessem. Então, criei um texto e mandei para o WhatsApp do meu filho e minha ex.

Embora esperasse uma reação positiva de ambos, o retorno deles foi bem acima de minhas expectativas. Resumindo, ficaram muito orgulhosos de minha decisão e se colocaram disponíveis para me apoiar no que fosse necessário. Percebi que ter investido na educação do meu filho foi fundamental para ele entender e me

apoiar de forma tão madura nesse momento. A fresta da porta foi aberta. Tirei um peso das minhas costas e o retorno deles me deu forças para seguir adiante.

Nessa mesma época, resolvi “ir pra pista” e começar a buscar um par. Como sou uma pessoa relativamente conhecida no meio no qual atuo, fiquei com receio de entrar em aplicativos de encontros mais populares, para não me expor tanto. Achei algo “mais leve”, a ferramenta “Dating” (hoje chamada “Namoro”) do Facebook, que tem recursos parecidos e é mais discreto. Acho bizarra essa forma de encontrar pessoas, pois dá impressão de que você está em um açougue, escolhendo que tipo de carne você quer: com ou sem gordura, dessa ou outra textura... Mas, por outro lado, isso ajudou muito na minha autoestima. Lembra que eu não me achava uma pessoa interessante? A abordagem das pessoas que curtiam meu perfil, me fez olhar com mais carinho para mim. Com isso, passei a perceber que as pessoas me observavam na rua, no transporte público, nos lugares. Sim, eu estava bem na foto e não sabia.

Empolgado com a possibilidade de um match acontecer a qualquer momento, resolvi que era momento de escancarar a porta e falar sobre minha nova fase para mais pessoas. Me limitei a falar com familiares e amigos mais próximos. O texto que mandei para o WhatsApp deles, foi esse:

“Olá, tudo bem?”

Se você está recebendo essa mensagem é porque é muito especial em minha vida e eu faço questão de compartilhar com você!

Bem, vou direto ao assunto: enfim, nessa semana, eu me entendi como bissexual.

Sempre defendi os homossexuais, sempre gritei para que todos se amassem independente do gênero e orientação. Mas nunca pensei que isso iria acontecer comigo. Mas aconteceu.

Acabei conhecendo um rapaz no Dating do Facebook domingo passado e, desde então, estamos conversando, mas não rolou absolutamente nada. Provavelmente, com ele, não terei nada. Porém, essa experiência quebrou o gelo que meu coração se encontrava, quase morto para relações. Eu, há muito tempo, me declarava um ogro, que se sentia incapaz de ser romântico. Esse rapaz me ajudou a quebrar isso: do nada me abri para a possibilidade de ter alguém, mesmo sendo um homem.

E isso foi (é) importante pra mim, pois está fechando um ciclo do que eu chamo de Felicidade Plena Comigo, pois estou sendo EU MESMO, sem farsas, sem amarras, sem dogmas. O sentimento é de um cachorro preso por anos em um quarto escuro e que agora está correndo livre na areia da praia.

Alguns esclarecimentos: eu continuarei sendo o mesmo! E não vou mudar meu caráter, minha postura e meus objetivos! Eu só estou me dando ao direito de amar quem eu quiser!

Não, não estou namorando ninguém (por enquanto), mas quis falar o quanto antes para que não se assuste caso um dia eu for lhe apresentar uma pessoa e ela, por um acaso, ter barba!

Não quero ficar alardeado pois isso interessa, prioritariamente, a mim. As únicas pessoas que eu me senti na obrigação de falar primeiro foi com meu filho e ex, que já sabem e me apoiaram.

Bem, é isso! Viva com isso!”

A reação foi de surpresa para a maioria. Claro que teve quem falasse “eu já sabia”, inclusive um grande amigo sempre me falou que eu tinha preguiça de sair do armário e, quando falei pra ele, a primeira frase que usei foi “acabou a preguiça!”

Dias depois, as conversas com os crushes no “Dating” ficaram mais quentes e, por fim, me identifiquei com um rapaz, dezessete anos mais novo que eu. Começamos a nos falar numa quarta e nos encontramos na sexta. Claro que os minutos que antecederam o encontro foram de muita emoção, pois havia muitos anos que não flertava com alguém. Foi bem intenso e passamos a namorar desde então.

Só revelei para o mundo que estava namorando exatamente doze dias depois, no Dia dos Namorados, quando publiquei uma foto nossa com camisetas iguais, estampadas com a frase “Amor livre é pleonasma”. E joguei ao vento. As pessoas ficaram chocadas, uma até achou que era meu filho. Mas o que me impressionou muito foi o apoio que recebi dos amigos LGBTs de imediato, seja respondendo no post ou com mensagens privadas. Me senti acolhido e respeitado.

Sempre fiz questão de andar de mãos dadas com meu namorado, demonstrar carinho em público (usando o bom senso, claro), sem me preocupar com a reação das pessoas, onde quer que seja. Moro numa região periférica e, mesmo assim, ajo da mesma forma. A coisa só passa a ser comum se ela for vista com mais frequência. É assim que as pessoas aprendem e funcionam, né? Quem sabe um dia isso será normal para eles...

Meu namorado se dá muito bem com minha família, com meu filho, minha ex e a família dela. Uma vez fui em um show com ele, junto com minha ex e o então namorado dela. Nunca imaginei que isso poderia acontecer um dia, mas aconteceu da forma mais bonita e natural possível.

Pode parecer que eu, aos quarenta e quatro anos, me entendi homossexual tardiamente. Mas creio que isso aconteceu no melhor momento, mesmo porque não passei a maior parte da minha vida sofrendo por isso. Quando me redescobri, minha vida já estava consolidada, as pessoas já sabiam quem eu era, meu filho já estava criado... O período entre a separação e me entender foi distante o suficiente para não ligar um caso ao outro. Ou seja, cada coisa aconteceu exatamente em seu tempo.

Não tenho absolutamente nada a esconder. Todas as questões que eu tinha que resolver na minha vida, eu já resolvi. Então, se alguém falar algo contra a minha pessoa, em nada vai me afetar, pois estou com minha consciência tranquilíssima. O que eu quero é ser feliz com esse pouco de vida que ainda me resta. E quem está incomodado, que se trate e procure também a sua felicidade. A minha eu busquei do meu jeito, no meu tempo.

Agora minha biografia pode ser escrita. Sem lacunas ou erratas póstumas.

Epílogo

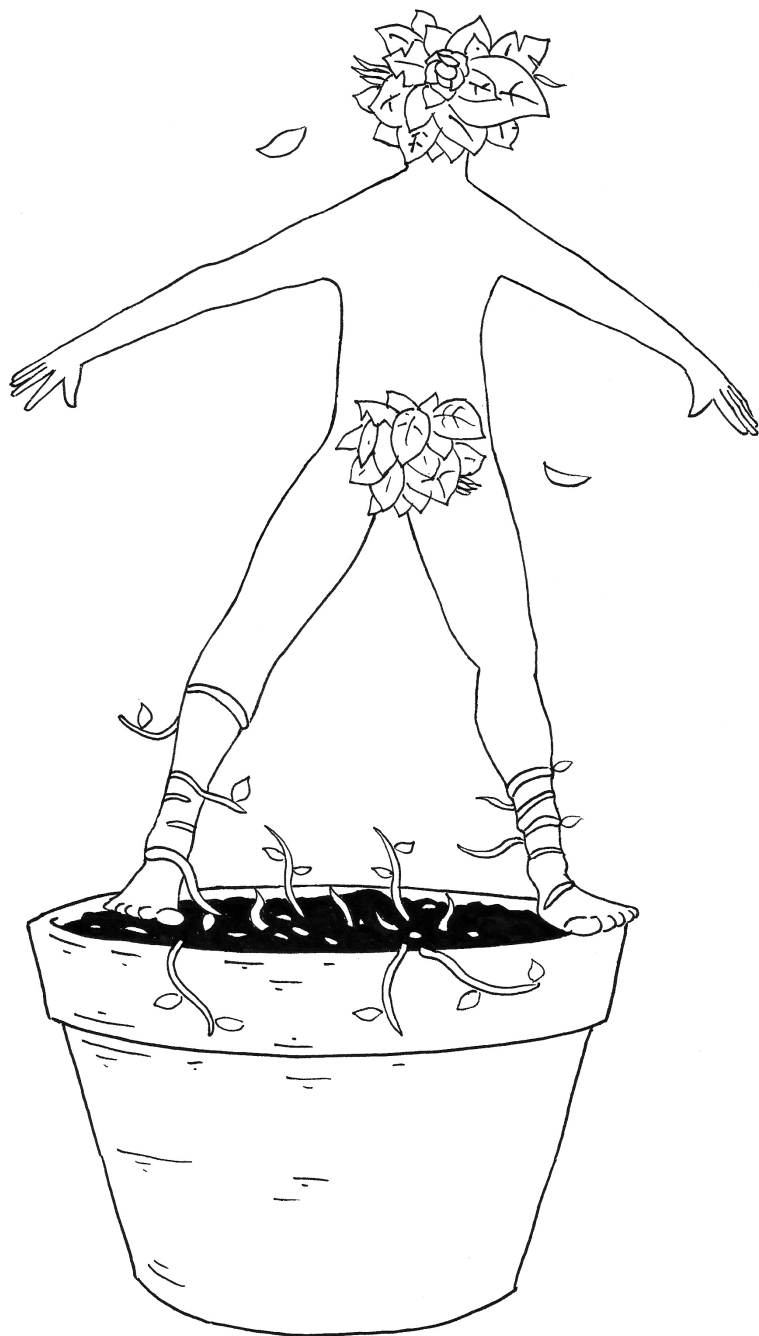
Quando entendi minha homossexualidade, em maio de 2019, uma canção me norteou e ajudou-me a tomar coragem para encarar a nova fase da minha vida. “Nunca Mais”, uma composição de Odair José, lançada em 1977, diz em um dos seus versos: “eu agora

sou bem diferente, não se assustem e nem se preocupem, sou o mesmo de antigamente, só que agora nada mais me encuca”.

Na época, compartilhei minha história com o compositor, como forma de agradecimento. Em 18 de agosto de 2020, ele me presenteou com “Desejo”, canção que teve minha história como inspiração na composição. A música fará parte do disco *Seres Humanos*.

Pronto. Minha biografia já tem até trilha sonora. Assim, simplesmente...

Márcio Sno é jornalista, zineiro, editor, escritor, ilustrador e educador. Criador do personagem Encostinho. Autor dos livros *O Universo Paralelo dos Zines* (TimoZine) e *Haicobra* (Bambolê). Organizou os livros *A Primeira Vez e Zines no Cárcere* (Marca de Fantasia). Diretor do documentário *Fanzineiros do Século Passado* e do programa *Meu Zine Minha Vida* (YouTube).



Doce libertar

Redson Pozzi

Ouçõ gente a gritar
Estão negando aceitar
Eles querem nos tirar
Este doce libertar!

Onde andar?
Quero viver com Liefde*
E todo este medo vencer
Um doce libertar
Doce libertar

Há um tempo e um lugar
No horizonte deste mar
Onde eu vou me encontrar
Há um doce libertar

Vou navegar
Vou olhando a Cor Natural
E o céu de uma luz astral
Um doce libertar
Doce libertar

* Palavra em africâner que significa “amor”.

Música registrada no disco *Primeiros Sintomas 1979-1980*, da banda Cólera, em 2006.

Redson Pozzi foi músico e compositor paulista, fundador em 1979 da banda punk Cólera, uma das precursoras do punk brasileiro. É um dos nomes mais respeitados do cenário de rock independente do Brasil e do mundo. Faleceu em 2011.

Ilustrações

Rodrigo Santos da Motta é artista visual, educador e editor de publicações independentes. Participou de exposições coletivas e mostras individuais. Ilustrou os livros *O vendedor de travesseiros* (Edições Maloqueristas, 2015) e *Manual para ler as estrelas* (Motta Press, 2018). Foi finalista do Prêmio Míolo(s) 2015 nas categorias Quadrinhos e Projeto Gráfico com a Motta Press. Em 2018 criou a Banca Curva para a distribuição de publicações independentes. Atualmente brinca de criar colecionáveis com a Motta Toys. Para conhecer mais acesse no Instagram: @mottapress, @mottatoys e @bancacurva.

